

EUROPA,  
ATLÂNTICO  
E O MUNDO  
MOBILIDADES, CRISES,  
DINÂMICAS CULTURAIS

**PENSAR COM**

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

EUROPE, THE ATLANTIC AND THE WORLD  
MOBILITY, CRISES, CULTURAL DYNAMICS

THINKING WITH MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

**COORDENAÇÃO**

ISABEL MARIA FREITAS VALENTE

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press  
2017

## O SIGNIFICADO SIMBÓLICO DA REVISTA ATLANTIDA\*

*Zília Osório de Castro*

Professora Catedrática Jubilada da FSCH-UNL

E-mail: czo@fesh.unl.pt

### **Resumo**

Qualquer que tenha sido a sua origem, não foi por acaso que João de Barros e João do Rio deram o nome de *Atlantida* à revista que pretendiam publicar. Esta teria como objetivo contribuir para o estreitamento das relações entre Portugal e o Brasil, que eles entendiam corresponder a razões ditadas tanto pela história, a cultura e a língua comuns como também pela esperança das vantagens que daí iriam advir para os dois países. A mítica *Atlantida* platónica, supostamente situada no Atlântico, entre os dois continentes, simbolizava essa “grande e bela Lusitânia” que desejavam construir. Além disso era igualmente expressão do ideal de felicidade, de prosperidade e até de domínio cultural e político que lhe estava ligado, e que seria fruto da prosperidade e bem-estar desejadas.

**Palavras-chave:** João de Barros; João do Rio; I Grande Guerra; Domínio cultural e político

---

\* O autor deste estudo discorda em absoluto do AO 90. A sua aplicação neste texto resulta das normas editoriais do volume.

## **Abstract**

It wasn't accidentally that João de Barros and João do Rio gave the name *Atlantida* to the journal they had decided to publish. This publication's aim was the strengthening of relations between Portugal and Brazil which they thought corresponded to common history, culture, and language as well as to possible advantages for both countries. Plato's mythical *Atlantida*, supposedly situated on the Atlantic Ocean, between both continents, was the symbol of that "great and beautiful Lusitânia" they wanted to build. It was equally the expression of an ideal of happiness and wealth as well as the corresponding cultural and political field, which would be the outcome of the desired prosperity and well being.

**Keywords:** João de Barros; João do Rio; World War 1; Cultural and political field

Para além da feição de uma revista puramente literária que estaria na mente dos seus criadores – João de Barros e João do Rio – a *Atlantida* tinha, mesmo para estes, *objetivos* muito mais abrangentes. Aliava o projeto há muito acalentado da criação de uma comunidade de "aspirações e interesses" comuns a Portugal e ao Brasil, que estariam na origem de "uma nova e grande Lusitânia", com afirmação internacional face às circunstâncias criadas pela guerra e pela nascente corrente pangermanista que se afigurava política e culturalmente abrangente. O seu objetivo último era político, mas ambos acreditavam no papel que a cultura tinha a desempenhar na sua concretização. Por isso, falavam em lusitanidade e em latinidade como marcas indeléveis de uma união que de um lado e de outro do Atlântico lhe conferisse identidade. Unificar não dependia de um plano militar, mas sim da tomada de consciência de um modo de estar e de viver com tradições seculares e que importava implementar de modo a que se tornasse o cerne de uma realidade latente, embora esquecida. A revista *Atlantida* encarnava, pois, um projeto de futuro com raízes no passado e que se conjugava com a realidade do presente. O

seu reconhecimento e o seu êxito decorreriam, portanto, da aceitação destes pressupostos essenciais porque unificadores e identificadores.

A iniciativa daqueles dois autores e o carisma que pretenderam conferir à revista que viriam a publicar respondiam, quicá, ao tempo, a anseios de longa data. Nascidos de uma convivência iniciada com a chegada dos homens de Cabral e continuada com as exigências das diversas situações que se lhe seguiram e a que a declaração da independência brasileira e os sucessos posteriores marcaram com o sinal da contemporaneidade com expressividade particular na implantação do regime republicano nos dois países. Não admira, portanto, que a *Atlantida* merecesse o apoio de autoridades portuguesas e brasileiras, assim como o louvor de personalidades de aquém e de além Atlântico. Salienta-se, neste contexto, a reflexão do poeta brasileiro Olavo Bilac:

“Um escritor português, João de Barros, e um escritor brasileiro, Paulo Barreto, depois de terem inventado muitas páginas de encantadora literatura, tiveram um achado geográfico: encontraram essa misteriosa *Atlantida* nunca marcada no roteiro dos navegadores de ardente imaginação, mas sempre sonhada e vagamente citada por historiadores e cosmógrafos de ardente imaginação. Uma ilha, ou um arquipélago, ou um continente, terra nebulosa, nebulosamente apontada nos fantásticos mapas da mitografia”<sup>1</sup>.

E o escritor continuava:

“Um único dado preciso aparecia em todas essas indecisas citações: aquele esquivo torrão deveria existir no meio do Atlântico, a oeste de Gibraltar... No meio do Atlântico? A oeste de Gibraltar? – por consequência entre a Europa e a América, entre Portugal e o Brasil... Para homens de ciência era pouco, mas para dois poetas foi bastante: não era o primeiro, nem será o último dos milagres da terra. O facto é que foi descoberta, abordada e conquistada a *Atlantida*, em cujo seio verde e risonho os dois Colombos plantaram o seu pavilhão estrelado, tecido de sonho e arte”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> BILAC, Olavo – «Discurso». In *Atlantida*. Lisboa. N.º 6, 15.04.1916, p. 591.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem*, p. 591.

Estas palavras conjugam de forma exemplar o sonho e a realidade, o pensamento e a ação, a *Atlantida* pensada e a *Atlantida* realizada. Do sonho nasce o mito, e um e outro abre o caminho à realidade concreta, quando guiados por qualquer ser humano que se empenha na construção de algo que está para além dele, mas que só se realiza com a vivência de cada um. Neste caso, para João de Barros e João do Rio, a *Atlantida* representava a concretização do ideal da união de Portugal com o Brasil. Ambos países marítimos, criados numa tradição comum, com a mesma língua, nada lhes faltava para construir uma comunidade de interesses culturais, económicos e políticos com reflexo não só no interior de cada um, mas também na situação que passariam a ocupar internacionalmente. Ou seja, a *Atlântida* de Platão era a expressão da perfeição e da felicidade, e a *Atlantida* da contemporaneidade representava o poder dos povos de aquém e além Atlântico.

Contudo, o nome de *Atlântida* atribuído à revista primava pela ambiguidade. Era certo que desde Platão trazia consigo a mensagem de um ideal político e cultural que se baseava, por um lado, no reconhecimento da superioridade e da diferença face aos outros povos e, por outro, na implementação de características próprias e individualizadas. Neste sentido, fazê-lo reviver significava consagrar algo de positivo que se pretendia efetivar. A *Atlantida* de João de Barros e de João do Rio correspondia, afinal, a um espaço cultural, com presença política, sendo a unidade da cultura a fundamentar a união entre Portugal e o Brasil, e, com ela, a estabelecer o domínio latino do Atlântico Sul ameaçado pelo poder germânico.

Para além destes aspetos, importava não esquecer o que de utópico e mítico estava indissolivelmente ligado ao nome que ambos haviam escolhido para a “sua” revista. Como tal, projetava-se fora do tempo e do lugar, tinha as características do ideal com que sonhavam, mas que, por isso mesmo, seria dificilmente realizável. Se bem que aos aspetos culturais juntassem os políticos e depois os económicos, a *Atlântida* naquela aceção apontava para a irrealização. Pretendia veicular um projeto aliciante quer pela permanência dos seus ideais, quer pela construção de um contrapo-

der no Atlântico Sul, mas que por muitas e variadas razões iria deparar com enormes dificuldades na sua concretização. Embora o seu objetivo último – o domínio da lusitanidade e da latinidade enquanto expressão de um poder atlântico – se situasse fora do tempo e do espaço pelo que continham de idealização, as suas implicações não podiam deixar de estar no tempo e no espaço com todos os obstáculos que isso implicava.

Para João do Rio era possível encontrar a ilha da felicidade, mas para isso era preciso “viajar e andar muito por mar para encontrá-la”<sup>3</sup>. Traduzido em termos de atualidade o ideal mítico da *Atlantida*, à ilha corresponderia a comunidade luso-brasileira decorrente da atividade realizadora de portugueses e brasileiros. Indo mais além, o autor na sua interpretação da *Atlântida* e na sua adequação ao relacionamento mútuo de Portugal e do Brasil, colocou na esperança o guião indispensável para atingir a ilha da felicidade. Neste sentido, entendia a felicidade não como um ideal realizado, mas como resultado do “espírito de conquista, de descobrimento, de fortuna”<sup>4</sup>, de esperança de atingir a perfeição desejada através da imperfeição existente. Daqui, que assim afirmasse: “O Atlântico é o mar da esperança”, já que só ele é o elo de ligação entre Portugal e o Brasil e, como tal, o seu domínio tornava-se fator imprescindível de felicidade”<sup>5</sup>. Daí que, para João do Rio, a *Atlantida*, enquanto ideal de felicidade, de realização pessoal e coletiva, de triunfo sobre as adversidades e dificuldades nunca deixaria de existir, porque a esperança nunca morria no coração dos seres humanos, e a coragem não faltaria a quem tinha ideais. Deste modo, o ideal da *Atlantida*, espelhado no ideal de felicidade, transformava-se na *Atlantida* real mediante a intervenção daqueles que “se fizerem olhos, ouvidos, coração e cérebro para sentir na ilha do diálogo de Platão o campo de entendimento dos

---

<sup>3</sup> RIO, João do – «O sonho da Atlantida». In *Atlantida*. Lisboa. N.º 1, 15.11.1915, p. 11.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p.13.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p.13.

continentes”<sup>6</sup>. Unindo o ideal e o real, a *Atlantida* seria o referente que ligava querer o novo como medida para o futuro, um futuro de felicidade que eles próprios iriam construir.

João de Barros, também no primeiro número da revista que criou com João do Rio, se referiu à *Atlântida*. Sem recorrer explicitamente ao mito platónico, situou-a no presente como “um enorme país único, separado pelo oceano, um só país imenso que na Europa tivesse as raízes indispensáveis de uma tradição e na América a energia, a fé, o amor, ainda mais indispensáveis à juventude permanente e criadora”<sup>7</sup>. Numa atitude marcada pela prática, ignorando a mensagem dos mitos e dos sonhos enquanto ideias abstratas que só valiam pela mensagem que transmitiam, apresentou a *Atlantida* como um meio para promover a aproximação entre os dois povos. Portugal e o Brasil tinham potencialidades para constituírem uma “comunidade perfeita com a mesma força de inteligência e de alma, com a mesma perfeita sensibilidade social”<sup>8</sup>. Para isso, era indispensável que Portugal se fizesse conhecer e que o Brasil sentisse que Portugal apreciava o seu progresso, assim como o seu desenvolvimento material e intelectual. Numa palavra, Portugal e o Brasil viviam de costas voltadas, sem se conhecerem e sem se aliarem para um futuro que seria proveitoso para ambos. No entender de João de Barros, esta situação era altamente prejudicial tanto para portugueses como para brasileiros, sem esquecer também os reflexos negativos de tal situação no plano internacional, no qual as duas repúblicas tinham um papel a desempenhar.

Para superar esta situação importava promover laços de solidariedade entre os dois povos e tomar consciência das aspirações deles para que houvesse uma aproximação total entre eles, enfim, para que se criasse o tal “enorme país único” desejado. Se bem que da parte dos governos

---

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p.15.

<sup>7</sup> BARROS, João de – «Atlantida». In *Atlantida*, Lisboa. N ° 1, 15.11.1915, p.6.

<sup>8</sup> *Idem, ibidem*, p.6.

dos dois países alguma coisa se tivesse já realizado neste sentido, não era suficiente. Importava que todas as classes sociais se empenhassem em colmatar o fosso existente. Importava, para isso, que se criasse uma consciência comum e se promovesse o afeto nascido da união “de espíritos, de desejos e de almas”<sup>9</sup> sobretudo por parte dos intelectuais portugueses visto que da parte dos brasileiros não se notava tão grande carência. A publicação da revista *Atlantida* respondia a esta lacuna que se sentia não só no plano da literatura, mas em todos os fatores de progresso e de desenvolvimento. Pretendia-se, e João de Barros e João do Rio sentiam esse mesmo apelo, “criar um órgão de aproximação recíproca que traduzisse e expressasse as energias, as ambições, os ideais dos dois povos”<sup>10</sup>. Neste sentido a revista *Atlantida* nascera com uma missão, a missão de congregar as duas nacionalidades numa realidade única embora partilhando situações diferentes porque pertencentes a contextos marcados pela diversidade. A Portugal pertencia a esfera da tradição que marcara o início da nacionalidade e que se refletira além Atlântico. O Brasil trazia consigo a “energia ardente e moça”<sup>11</sup> que lhe dera um evidente esplendor civilizacional. Rematando a reflexão sobre a missão da revista *Atlantida*, João de Barros afirmou: “Ela será como uma grande voz, de múltiplos ecos, a vibrar uma mesma palavra de amor sobre as duas margens distantes do vasto oceano que a leva cantando, e cantando a faz soar de onda em onda”<sup>12</sup>.

As abordagens de João de Barros e de João do Rio na apresentação do primeiro número da *Atlantida*, configuram perspectivas próprias, individualizadas, sem serem contraditórias. Pelo contrário. Antes se conjugavam para uma melhor receção dos objetivos que pretendiam alcançar com a publicação. Assim, como vimos, João do Rio acentuava como finalidade

---

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p.8.

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p.8.

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p.11.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p.9.

a felicidade e João de Barros valorizava o caminho para a atingir. Seja como for, a consonância entre ambos não deixa dúvidas e irá evidenciar-se nas introduções seguintes apresentadas em nome da direção que ambos subscreviam. Aliás, ao manifestarem publicamente a intenção de publicarem de imediato uma revista que “defendesse e representasse as aspirações do Brasil e de Portugal”<sup>13</sup>, assumiam-na como uma causa moral. A guerra europeia, diziam, fizera nascer laços de solidariedade entre países e povos que “vivem dum mesmo ideal, que se alimentam duma mesma tradição ou que descendem do mesmo tronco original”<sup>14</sup>. Portugal e o Brasil ocupavam dentro da família latina um lugar à parte pela sua fraternidade e semelhança, embora houvesse que reconhecer que em muitos casos se ignoravam completa ou quase completamente. Situação prejudicial aos dois países que era importante inverter. Como exemplo da solidariedade e afeto a alcançar lembravam, numa evidente evocação da *Atlântida* de Platão, “aquele lendário continente que dantes ligara a América à Europa”<sup>15</sup>.

Este mesmo espírito manteve-se ao longo da publicação, como se pode constatar pelos temas das sucessivas notas da direção. Assim, ao festejar o segundo ano do seu lançamento, afirmavam que o êxito alcançado se ficara a dever ao interesse do público português e brasileiro que manteve desde a primeira hora o apoio a uma publicação que favorecia o interesse comum de Portugal e do Brasil, ou seja, como os seus diretores afirmavam, que contribuía “para o maior esplendor, e brilho da língua, da literatura e da solidariedade lusitanas”<sup>16</sup>. Ao reaparecer depois de uns meses de suspensão foi ainda o mesmo espírito que ditou estas palavras: “A *Atlantida* procurará despertar o espírito adormecido deste povo para a efetivação de uma obra entre todas grandes e indispensável para o

---

<sup>13</sup> «PROSPECTO» – In *Atlantida*. Lisboa. N.º 1, 15.11.1915, p.94.

<sup>14</sup> *Idem, ibidem*, p.94.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, p.96.

<sup>16</sup> «Atlantida» – In *Atlantida*. Lisboa. N.º13, 15.11.1916, p.3.

futuro da raça: fazer do Brasil e de Portugal uma só força de civilização e de predomínio no mundo moderno”<sup>17</sup>. E nem a modificação verificada quando, de certo modo, o espírito da lusitanidade foi superado pelo da latinidade ao assumir-se como Órgão do Pensamento Latino em Portugal e no Brasil veio alterar essa orientação. É certo que desde sempre se invocou o espírito latino nas páginas da revista, mas também é certo que nunca se deixou de privilegiar a portugalidade como elo fundante da aproximação luso-brasileira. Porém, agora argumentava-se que esta só teria efetiva realização se integrada de forma efetiva naquele mesmo espírito que, como se entendia, era comum às duas pátrias. A direção que se mantinha e à qual apenas se adicionou o nome de Graça Aranha serviu de garantia que tanto o espírito latino como a união entre Portugal e o Brasil seriam defendidas.

A *Atlantida* não prescindiria do seu cariz inicial, embora iniciasse um caminho diferente. Este tornou-se evidente com a abertura à cultura francesa, nomeadamente através da língua. A *Atlantida* tornou-se bilingue quer pela publicação simultânea de artigos em português traduzidos para francês, quer pela adoção de autores naturais de França que escreviam na própria língua. Saliente-se que esta alteração não teria sido pacífica para os anteriores diretores, especificamente para João de Barros. Note-se que este se deslocou a França, a Itália e a Espanha, países latinos por excelência, alargando o número de colaboradores oriundos desses países<sup>18</sup>. Aplaudindo esta nova orientação a nota de abertura que se lhe referia salientava que, através da *Atlantida*, Portugal se tornaria um foco da cultura latina absolutamente único em toda a Europa<sup>19</sup>. Assinale-se, porém, que a pretendida cultura atlântica, especialmente do Atlântico Sul, tão querida e apoiada inicialmente, se viu substituída, pelo menos literalmente, pela defesa da cultura mediterrânica. Uma última nota de

---

<sup>17</sup> «Atlantida» – In *Atlantida*. Lisboa. N.º 33-34, 1919, p. 845.

<sup>18</sup> Veja-se «ATLANTIDA» – In *Atlantida*. Lisboa. N.º 38, 1919, p. 1.

<sup>19</sup> Veja-se *idem, ibidem*, p.1.

abertura intitulada como as anteriores “*Atlantida*” marcou o início do quinto ano da publicação. Pretendia-se ali homenagear Graça Aranha pela sua orientação, mencionando-se com orgulho nomes relevantes entre os seus colaboradores, enunciando-se a colaboração espanhola e o lugar que mantinham a brasileira e a portuguesa. Expressava-se ali ainda o orgulho de a revista representar legitimamente em Portugal e no Brasil o pensamento latino<sup>20</sup>. Contudo nem tudo eram rosas. A publicação referia ter sido acusada de exercer “uma influência desnacionalizadora em Portugal”<sup>21</sup>. Repudiando tal acusação, lembrava os benefícios resultantes da colaboração estrangeira. Segundo se afirmava ali, esta quer fosse positiva ou negativa contribuiria sempre para estimular a cultura portuguesa. E culminava reafirmando a dedicação pela causa da aproximação luso-brasileira agora saliente “sobre a égide imortal do espírito latino”<sup>22</sup> e anunciando a abertura da sede da *Atlantida* em Paris e a presença diária ali de Graça Aranha<sup>23</sup>. Não compete aqui e agora avaliar as vantagens ou desvantagens da mudança. Saliente-se, porém, que João de Barros abandonou a revista pouco tempo depois, alegando razões pessoais e a *Atlantida* não lhe resistiu e deixou de ser publicada um número ou dois depois de transmitir a que seria a sua última mensagem.

Unidos nos princípios fundantes da *Atlantida*, João de Barros e João do Rio distinguiram-se pelo teor dos textos que ali publicaram. Não só abordaram as temáticas que a cada um se afirmavam de maior interesse como recorreram a ideias e conceitos correspondentes ao seu modo pessoal de pensar. Assim, por exemplo, quando a Alemanha declarou guerra a Portugal, João do Rio interveio focando o auxílio prestado à Cruz Vermelha e incentivando portugueses e brasileiros a conjugarem esforços para tornarem possível a vitória dos aliados que seria, afinal,

---

<sup>20</sup> Veja-se «ATLANTIDA» – In *Atlantida*. Lisboa. N.º 44-45, ano V, p. 3.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p.4.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p.4.

<sup>23</sup> Veja-se *idem, ibidem*, p.4.

a vitória do espírito latino ou vitória da raça portuguesa, como dizia<sup>24</sup>. A solidariedade entre Portugal e o Brasil tantas vezes evocada adquiria agora um outro nome: patriotismo. E este uma outra dimensão, a dimensão de uma causa universal partilhada pelas nações defensoras do livre arbítrio, da independência e da civilização<sup>25</sup>. Neste sentido a guerra fora um bem<sup>26</sup>. Quebrara o sentido de decadência divulgado pelos intelectuais portugueses, especificamente pelos Vencidos da Vida, despertara o patriotismo aquém e além Atlântico e estimulara a desejada união entre Portugal e o Brasil. Ele dizia “considerar patriotismo português amar o Brasil e patriotismo brasileiro amar Portugal”<sup>27</sup>. Mas acima de tudo a guerra abriu para Portugal as portas do futuro porque, para além da língua, das dores e da própria morte, mostrou aos portugueses que eles estavam ainda vivos, construindo a história, tornando o passado presente e o presente futuro. Retomando a ideia de felicidade, aplicava-a ao amanhã entendido como conquista alcançada pelo trabalho, ação e esperança a que se aliava o espírito de aventura. Sendo assim, o Infante D. Henrique seria um aventureiro e a saga dos Descobrimentos uma aventura realizada por todos os que se diziam verdadeiros seres humanos. Isto é, aqueles que se davam a um ideal e o punham em prática. Os portugueses e os brasileiros haviam dado prova na guerra e também para além dela. Daí que possuísem o futuro. Este discurso, de um extremo idealismo, caracterizava talvez a personalidade de João do Rio e, através dela, a própria revista *Atlantida*.

João de Barros mostrou-se mais pragmático. Republicano convicto, entendia a república como aspiração da alma nacional, como força suprema da coesão do povo e, como tal, poucos portugueses contem-

---

<sup>24</sup> Veja-se RIO, João do – «Portugal-Brasil após a guerra». In *Atlantida*. N.º 40, Julho 1919, p.449.

<sup>25</sup> Veja-se RIO, João do – «Portugal et Brésil». In *Atlantida*. N.º 25, 15.11.1917, p.195-198.

<sup>26</sup> Veja-se RIO, João do – «Portugal-Brasil após a guerra». In *Atlantida*. N.º 40, Julho 1919, p. 449-450.

<sup>27</sup> Veja-se *idem, ibidem*, p. 449.

porâneos deixavam de a apoiar. A maioria entre os quais se contavam os mais ilustres e representativos, no seu entender, estavam com ela, ou pelo menos não apoiavam a monarquia. A república viria sanear o meio político, intelectual e artístico, proporcionaria o despertar do espírito renovador indispensável à criação mental e à liberdade de pensamento. Esta perspectiva elitista da república ditou o interesse em ouvir personalidades republicanas significativas. Para isso, entrevistou Afonso Costa, então Ministro das Finanças, e Augusto Soares, Ministro dos Negócios Estrangeiros, chegados da missão que ambos tinham desempenhado junto dos governos da Inglaterra e da França. João de Barros assinalou a honra que havia sido dada à *Atlantida* pelos dois estadistas por ser escolhida entre todos os órgãos da imprensa nacional e internacional para comunicar publicamente a atitude dos governos visitados para com Portugal e a certeza do prestígio de Portugal e da República Portuguesa entre as nações aliadas. Assinalou igualmente o pedido de cooperação formulado pelo governo inglês para a política a desenvolver em África e o convite para que o exército português participasse ao lado do inglês na luta que se travava na Europa, assim como as palavras de simpatia com que havia sido referida a República Portuguesa, inclusivamente pelo Rei Jorge V. Curiosamente nas duas entrevistas foram focados vários aspetos sem que a questão da cooperação com o Brasil tivesse sido apenas abordada, o mesmo acontecendo, aliás, com as breves trocas de impressões com o Ministro dos Negócios Estrangeiros Augusto Soares.

O mesmo não aconteceu durante a entrevista solicitada ao Embaixador do Brasil por ocasião da rotura das relações diplomáticas entre a República Brasileira e a Alemanha, apoiada sem reservas pelos Estados Unidos da América do Norte e divulgada pela mensagem do Presidente Wilson. Esta recebeu o aplauso praticamente unânime do Brasil apesar do grande número de alemães ali residentes, sobretudo no sul. João de Barros manifestou a sua admiração ao Embaixador do Brasil pela sua não preocupação por um facto que, para ele próprio, não poderia deixar de ser uma fonte de problemas. O diplomata tranquilizou-o afirmando:

“Nada receio dos alemães do Brasil”<sup>28</sup>, pois estes estavam perfeitamente integrados. Embora conservassem as tradições e a cultura germânicas, preferiam apoiar o ambiente de liberdade que ali gozavam. Iriam, sem dúvida contribuir para estreitar as relações luso-brasileiras e não para as destruir. O pangermanismo, tão receado pelo panlusitanismo e pela cultura latina, não encontraria eco neste quadro, segundo o modo de ver do Embaixador brasileiro. E pragmaticamente João de Barros não contestou, agradavelmente surpreendido com o que ouvia.

Completando o número de entrevistados por João de Barros para avaliar a situação recíproca de Portugal e do Brasil no contexto da guerra contam-se as palavras dirigidas à *Atlantida* pelo Presidente da República<sup>29</sup>. Renasce nas palavras deste o muito que se tem apresentado como o cânone não fundante, mas atuante presente no apelo a um crescente relacionamento entre Portugal e o Brasil de modo a formar a unidade luso-brasileira, proposta e defendida pela *Atlantida*. A declaração de guerra a Portugal pela Alemanha fora um grito de alerta para o Brasil e empolgou os brasileiros no apoio à causa portuguesa. O espírito de solidariedade renasceu porque insubstituível na esperança de um futuro comum. Solidariedade nascida de um ideal latino comum consagrado desde sempre pela lusitanidade da sua génese e fortalecido no tempo pelos laços criados. Agora, solidariedade com Portugal desde o dia em que a Alemanha lhe declarara guerra, rompendo as suas relações com o Império Germânico e colocando-se ao lado de Portugal sem receios nem reservas. Por isso os portugueses lhe deviam “uma gratidão imensa” por ter permanecido ao seu lado num momento decisivo para a história da cultura e civilização europeias, alimentada pelo génio latino através do qual a lusitanidade ocupava o seu lugar.

---

<sup>28</sup> BARROS, João de – «Brasil e Alemanha. Entrevista com o Senhor Embaixador do Brasil». In *Atlantida*. Lisboa. N.º 18, 15.4.1917, p. 403.

<sup>29</sup> Veja-se «PORTUGAL e a Guerra. Palavras do Presidente da República». In *Atlantida*. Lisboa. N.º 25, 15.11.1917, p. 3-4.

Apesar de nunca terem minimizado ou ignorado as dificuldades que a publicação da revista iria encontrar, nunca perderam a esperança na realização da “sua utopia” e por ela lutaram até ao fim, não recuando perante elas. Como acima se referiu, João do Rio transmitiu em palavras significativas o ideal que desde o início o guiara e que partilhara com João de Barros. Dissera ele: “nós procuramos no imperfeito a felicidade. O Atlântico é o mar da esperança”. Deste modo, a *Atlantida*, tal como a idealizavam, seria uma “utopia realizável”. Seria fruto de uma conquista, de um desejo de vencer, de confiança, de coragem. Seria o resultado do espírito humano no que este tinha de empreendedor e de realizador dos ideais que formulava, implicando, como condição de efetivação, adequada ação pessoal assumindo os ideais simbolicamente transmitidos pela *Atlantida* de Platão. Não bastava, todavia, idealizar, sonhar, agir. As adversidades fizeram-nos ruir e trouxeram o aniquilamento da *Atlantida* de João de Barros e de João do Rio, aliás, destino comum a todas as *Atlantidas*. A catástrofe que as destruiu abateu-se igualmente sobre esta. A derrota do projeto cultural que informava um projeto de contrapoder não logrou atingir os objetivos dos seus promotores, anulando o simbolismo dos enunciados platónicos invocados, exceto, porém, o desenlace final.

### **Referências bibliográficas**

- ANDRADE, Luís – «*Atlantida* revisitada. A invenção da comunidade Luso-brasileira». In *Atlantida*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013, p. 79-96.
- BARROS, João de – «A Confederação Luso-brasileira. Será possível uma nova e grande Lusitânia?». In *Atlantida*. Lisboa. N.º 20, 1917, p. 670.
- CASTRO, Zília Osório de – «Atlântida(s). Mito e Utopia». In *Atlantida*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013. p. 59-78.
- CASTRO, Zília Osório de – «Uma Nova e Grande Lusitânia». In *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa. N.º 26, 2009, pp. 71-85.
- CONCEIÇÃO, Cecília Dias de Carvalho Henriques da – *A revista Atlantida. Documento sociocultural e literário de uma época. Um “abraço mental” entre Portugal e Brasil*. Lisboa: FCSH-UNL, 1997.

- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; ANDRADE, Luís; CASTRO, Zília Osório de – *Atlantida*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal – «Muito Além de uma Revista Literária». In *Atlantida*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013, pp. 33-58.
- LYRA, Lourdes Viana – *A Utopia do Poderoso Império. Portugal e o Brasil. Bastidores da Política*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1994.
- POMIAN, Krzysztop – *L'Ordre du Temps*. Paris: Galimar, 1984.
- PORTUGAL NA GRANDE GUERRA – *Atlantida*. Lisboa, N.º 5, 1916.
- REIS, Jaime Batalha – *O Descobrimento do Brasil intelectual pelos Portugueses do século XX*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988.
- VIDAL-NAQUET, Pierre – *A Atlântida*. Lisboa: Teorema, 2007.
- VIEIRA, Nelson H. – *Brasil e Portugal. A imagem recíproca*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

Página deixada propositadamente em branco